

Les Dossiers d'Archéologie: Egypte, Vallée des Reines, Vallée des Rois, Vallée des Nobles, n.º 149-150, Fontaine-lès-Dijon, Maio-Junho 1990, 129 pp.

Uma vez por outra, *Les Dossiers d'Archéologie* dedicam uma das suas edições ao Antigo Egipto. Tal havia já ocorrido com o n.º 61 (Março, 1982) com o bem desenvolvido tema de «Karnak, l'Égypte Grandiose. Histoire et monuments du site le plus riche de l'Égypte antique», seguindo-se on.º 136 (Março, 1989), versando todo ele sobre «Thèbes, les Temples de Millions d'Années».

Agora o número duplo 149-150 oferece-nos uma visão global de três das mais famosas zonas tumulares da região tebana e de todo o Egipto, trazendo-nos as últimas e mais frescas notícias e novas interpretações sobre esses locais tão apreciados pelos egiptólogos e pelos turistas: os egiptólogos procurando continuamente fornecer novos dados que possam vir enriquecer os apreciáveis conhecimentos que até hoje foram reunidos, esclarecendo estudos e dúvidas anteriores, sobretudo no tocante aos séculos que decorreram entre princípios do Império Novo e a XXVI dinastia saíta, e os turistas arfando nos acessos, por vezes difíceis, a alguns túmulos e suando no âmbito dos hipogeus para se extasiarem perante a bela decoração mural das «casas de eternidade» de reis, rainhas, príncipes e funcionários que viveram milhares de anos antes e pisaram o mesmo solo escaldante.

Christian Leblanc assegurou a elaboração e coordenação do volume, auxiliado por Ruth Schumann Antelme e Monique Nelson, figurando entre o diversificado número de colaboradores alguns nomes bem conhecidos. E o presente número duplo abre logo com um artigo de um sonante nome da egiptologia francesa e mundial: Christiane Desroches Noblecourt.

No seu inovador artigo a especialista francesa apresenta-nos «La Vallée des Reines: le message de la Grotte Sacrée» (pp. 4-21), e procede a uma análise profunda e complementar entre o Vale das Rainhas e o Vale dos Reis, estabelecendo entre eles um «parcours chthonien et régénérateur des trepassées royaux», que culmina na grande vulva rochosa da Gruta Sagrada.

As pesquisas aturadas que foram levadas a cabo durante os últimos anos no chamado Vale das Rainhas permitiram a Christiane Desroches Noblecourt anunciar a descoberta fundamental da sugestiva simbologia da Gruta Sagrada. Com uma insuperável sensibilidade para detectar o telurismo erótico que desse lugar se desprende, a Autora faz-nos ver e compreender a ctonicidade hatórica da gruta, feita à ima-

gem de um útero gigante de onde renasceriam os defuntos reais depois do seu périplo subterrâneo não isento de perigos, dramático percurso imaginário entre o Vale dos Reis (que os Egípcios chamavam de Ta Sekhet Aat: a Grande Pradaria) e o Vale das Rainhas (interpretado aqui como Ta Set Neferu: o Lugar dos Lótus).

Segue-se o artigo de Christian Leblanc («L'archéologie et l'histoire de la Vallée des Reines», pp. 22-29), que no local tem trabalhado integrado numa equipa franco-egípcia com vista a uma exploração sistemática e exaustiva da necrópole, inicialmente destinada a príncipes e princesas mas depois utilizada por diversas pessoas de diferentes camadas sociais. Os trabalhos iniciaram-se em 1984 sob o impulso de Christiane Desroches Noblecourt e o mecenático apoio financeiro da Fundação Ford De Maria. Os objectivos programados auguram proveitosos resultados:

«1.º) Dégagement; 2.º) Relevé et étude de plusieurs dizaines de tombes; 3.º) Évacuation des déblais de fouilles hors du site; 4.º) Mise en valeur progressive de cette Vallée.»

Isabelle Franco e Magdi el-Fikri convidam-nos depois a visitar «La tombe de Sat-Rê» (pp. 30-31), pequeno túmulo da esposa de Ramsés I. O túmulo da rainha Satré, que foi o primeiro destinado a uma rainha concebido à imagem das «casas de eternidade» dos faraós no Vale dos Reis, embora de pequenas dimensões e não recebendo visitantes (ele nem sequer vem referido nos guias), tem uma decoração interessante, anunciando já os programas iconográficos que depois serão desenvolvidos nos túmulos das grandes esposas reais, até se chegar ao requinte decorativo do túmulo de Nefertari.

Em «La restauration du hameau d'artisans» o arquitecto e arqueólogo Mikäel Kalos revela-nos os vestígios de um pequeno local onde viveram os artesãos que trabalharam na construção dos túmulos do Vale das Rainhas. O sítio, cuja superfície se calcula em 700 m², poderá ser considerado como satélite de Deir el-Medina, importante localidade da época ramsésida e de princípios do Terceiro Período Intermediário (pp. 32-33).

André Macke e Christiane Macke-Ribet, médicos e antropólogos, dedicaram-se ao estudo das múmias e dos restos humanos encontrados nos túmulos do local. Cadáveres não lhes faltaram: nas dezasseis tumbas estudadas pôde-se verificar a existência de 700 adultos e 150 crianças, concluindo-se que o Vale das Rainhas foi utilizado como necrópole popular dos habitantes da Tebaida durante o período greco-romano. Os eixos da pesquisa dos especialistas osteólogos asentaram em três bases fundamentais:

1.º) Conhecimento da morfologia tipológica da população inuma-

da; 2.º) Determinação do seu género de vida e suas doenças; 3.º) Definição de certas práticas funerárias.

O artigo, intitulado «Les Recherches anthropologiques» (pp. 34-39), leva à conclusão de que no período romano os defuntos continuavam a ser objecto de práticas e ritos funerários que remontavam à época faraónica.

Robert Bougrain Dubourg, em colaboração com o Centre Franco-Égyptien de Karnak e o C.E.D.A.E. (Centre d'Étude et de Documentation sur l'Ancienne Égypte), estudou métodos seguros para restaurar pinturas murais dos túmulos. As suas propostas condensam-se no artigo «Pour un sauvetage des tombes ramessides» (pp. 40-43), tendo sido considerados três tipos de problemas para uma análise prévia:

1.º) Problemas ligados ao tipo de rocha calcária onde os túmulos foram escavados; 2.º) Problemas relacionados com a massa aplicada sobre as diversas superfícies para nelas se fazer a decoração (uma massa designada por *muna*, feita de uma argila local); 3.º) Problemas relacionados com a decoração e as camadas pictóricas.

Após o Vale das Rainhas seguem-se os textos dedicados ao Vale dos Reis, começando com Erik Hornung, que nos apresenta a hierarquia dos túmulos reais com as características comuns às várias dinastias, as concepções acerca do Além que se depreendem dos textos religiosos gravados nas paredes dos sepulcros, nomeadamente do «Livro de Amduat», que de Tutmés I à época de Akhenaton constituiu a única decoração das paredes tumulares. O plano e a temática decorativa do túmulo provam bem, como nos lembra o egiptólogo de Basileia, que o faraó na sua «casa de eternidade» é associado à viagem nocturna do Sol, o deus Ré. E termina com um preocupante aviso sobre as ameaças que pairam sobre os túmulos reais, causadas principalmente pelo actual turismo de massas, responsável pela humidade e as poeiras que se introduzem nos hipogeus, para já não falar daqueles que esgravatam nas pinturas das paredes e por outras causas indirectas como os fumos dos veículos que estacionam nas proximidades («La Vallée des Rois», pp. 44-52).

El-Sayed A. Hegazy é o director egípcio do Centre Franco-Égyptien de Karnak e dá a sua colaboração neste volume com um pequeno texto que trata de «Le Livre des Portes» (p. 53), o qual descreve e ilustra a viagem nocturna de Ré, tendo muitos pontos em comum com o «Livro de Amduat». O «Livro das Portas», cujo nome deriva das várias portas que Ré tem de atravessar para no dia seguinte poder aparecer incólume e triunfante no horizonte, e que foi estudado por Maspero (e depois por Wallis Budge, Piankoff e Hornung), apareceu pela

primeira vez no túmulo de Horemheb (finais da xviii dinastia) constituindo depois temática habitual da decoração mural.

Curiosidade e alguma expectativa é o que ressalta do artigo de Luc Gabolde (do I.F.A.O.), intitulado «La montagne thébaine garde encore des secrets» (pp. 56-59). E que segredos? — Segundo o Autor, restam ainda por descobrir os originais e verdadeiros túmulos de Tutmés I e Tutmés II, pois que os túmulos com a cripta em forma de cartela que normalmente lhes são atribuídos teriam afinal sido construídos por Tutmés III para dar sepultura condigna, perto de si, aos seus antepassados.

Abdel Aziz F. Sadek, director-geral do C.E.D.A.E., apresenta-nos «La tombe de Séthi 1er» (pp. 60-63), alertando para os perigos que pendem sobre tão famoso túmulo, que foi o primeiro a ser redescoberto nos tempos modernos (por Belzoni) após ter estado esquecido e entulhado pelas areias do deserto durante muitos séculos. Agora o C.E.D.A.E. está empenhado em trabalhos de restauro e protecção, embora parte das belas cores da decoração mural já esteja irremediavelmente perdida. Ainda hoje o túmulo de Seti I, que possui «un merveilleux décor et un exceptionnel plafond astronomique», é um dos que recebe maior número de visitantes.

Não se podem comparar os tempos instáveis de Seti II e da rainha Tauseret com a época áurea de Seti I (princípios da xix dinastia). E o pequeno túmulo de Tauseret (usurpado depois por Ramsés III para nele sepultar seu pai Setnakht, fundador da xx dinastia) é bem elucidativo do período difícil que então se vivia. Uma missão arqueológica da Universidade de Hamburgo trabalha no referido túmulo dessa mulher que pretenderia ser uma nova Hatchepsut, dando-nos Hartwig Altenmüller notícia dos trabalhos em curso no seu artigo «La tombe de la reine Taousert» (pp. 64-67).

Visitados o Vale das Rainhas e o Vale dos Reis, Mohammed el-Saghir introduz-nos num novo tema e num novo local (complementar dos anteriores), o Vale dos Nobres, por onde se dispersam «Les tombes des nobles thébains» (pp. 68-77). O Autor, que é director-geral do Serviço das Antiguidades para o Alto Egipto, lembra que mais de quatrocentos túmulos privados foram já encontrados e catalogados nas necrópoles tebanas, ou seja, foram acrescentados cinquenta novos túmulos à lista estabelecida por Arthur Weigall e Alan Gardiner em 1913.

Também os funcionários da região tebana queriam ter as suas «casas de eternidade» no domínio de Amon, e alguns dos túmulos desses zelosos servidores rivalizam em beleza com os dos faraós. As necrópoles dos «nobres» tebanos encontram-se sobretudo nas zonas de

Deir el-Medina, Gurnet Murai, Cheikh Abd el-Gurna, El-Khokha, Assassif, Dra Abu el-Naga e El-Taref.

São-nos depois apresentados «Les bénéficiaires des tombes civiles de Thèbes, au Nouvel Empire» por Mohammed Nasr (pp. 78-79). O estudo tem reconhecida importância para uma análise social respeitante à época do Império Novo e princípios do Terceiro Período Intermediário (xxi dinastia, sob o pontificado dos sacerdotes de Amon). O inventário fornece-nos mais de quarenta profissões ou títulos diferentes para os homens inumados naquela região e apenas sete para as mulheres.

Os servidores do Lugar de Verdade (Set Maet), conhecidos pelo nome de *sedjem ach*, encarregados da edificação e decoração dos túmulos reais, construíram as suas próprias sepulturas na necrópole de Deir el-Medina, geralmente antecedidas pelos característicos *piramidion*. Desse local nos fala Yvan Koenig em «Deir el-Medineh et sa nécropole» (pp. 80-87).

Seguidamente um texto conjunto de Guy Lecuyot, Anne-Marie Loyrette e Monique Nelson revela-nos «Une nécropole sacerdotale au Ramesseum» (pp. 88-95), tendo as escavações fornecido um exemplar fragmentado do «Livro dos Mortos» em nome de Nehemsumut, grande número de chauabtis com o nome de Meritamon e Nebnetcheru, vasos de vísceras fictícios (típicos de uma época em que as vísceras já não eram retiradas do corpo do morto) e diversas esteias.

Pelo contrário, «Une tombe de la XVIII^e dynastie découverte à Gournet Moura'j» (pp. 96-98) não forneceu espólio arqueológico, mas o Autor do artigo, Mohammed el-Bialy, inspector do Serviço das Antiguidades, apurou que nas inscrições do túmulo constava o nome de um filho de Tutmés II até hoje desconhecido, o príncipe Seneb, o que, por si só, é uma excelente informação para aumentar o conhecimento que se tem dessa época. Não aparece, nas maltratadas imagens da tumba, o nome da esposa de Seneb, mas conclui-se da leitura das inscrições ainda visíveis que a dama exibia os títulos de «dona de casa» (*riebet per*) e «cantora de Hathor» (*chemait en Hathor*).

Com o intensivo prosseguimento das escavações na região tebana (que ainda tem muito por revelar) é natural que frequentemente nos surjam notícias como aquela que nos dá El-Sayed A. Hegazy em «De nouvelles découvertes à Thèbes-Ouest» (p. 99), anunciando a descoberta de fragmentos arquitectónicos e estelas com o nome do faraó Amen-hotep II (finais do séc. xv antes da nossa era) e um relevo da mesma época mostrando uma cantora de Amon. Estes achados, e ainda um pequeno sarcófago de madeira com inscrição hierática contendo múmias de uma gata (animal sagrado da deusa Bastet) e

seus três filhotes, apareceram numa casa situado perto do túmulo de Ramosé, importante funcionário dos reinados de Amen-hotep III e Amen-hotep IV (Akhenaton).

Foram também descobertas, entre outras, «Trois nouvelles tombes civiles à Cheikh Abd el-Gournah», como nos relata Eberhard Dzio-bek, da Universidade de Heidelberg (pp. 100-107). Os túmulos descobertos (talvez fosse preferível dizer redescobertos) pertenceram a Ineni (arquitecto de Tutmés I), Useramon (vizir de Tutmés III) e Sebek-hotep (tesoureiro de Tutmés IV). Os trabalhos em curso constituem uma boa prova de eficaz colaboração entre três instituições: «la Deutsche Forschungsgemeinschaft (l'équivalent allemand du C.N.R.S. français) qui est le bailleur de fonds; l'Institut archéologique allemand du Caire qui assume l'organisation scientifique du programme; l'Organisation Égyptienne des Antiquités qui fournit son assistance sur les sites».

Dois egiptólogos japoneses (é verdade!), Sakuji Yochimura e Jiro Kondo, da Universidade Waseda de Tóquio, trazem-nos «Découvertes de nouvelles tombes de nobles» (pp. 108-111), noticiando os resultados das prospecções levadas a cabo em Cheikh Abd el-Gurna e El-Khokha: amuletos, escaravelhos, contas de colar, chauabtis e cenes funerários.

Richard Lepsius descobriu o túmulo de Djehutimés em 1844, mas o local nunca fora objecto de um estudo sistemático: daí o interesse e a importância dos trabalhos ali efectuados pela missão arqueológica húngara desde 1983, sob a direcção de Láslo Kákosi, da Universidade Loránd Eötvös de Budapeste, que é o autor do artigo «La tombe de Djehoutimès» (pp. 112-115). O túmulo, que tem um inusitado corredor descendente em forma de espiral, está decorado com cenas e passagens de vários capítulos do «Livro dos Mortos».

Mohammed Nasr dá conta das escavações que se têm realizado num sítio que, depois de restaurado, poderá atrair muitos visitantes: «La tombe de Montouemhat dans l'Assassif» (pp. 116-119). O influente e preponderante Mentuemhat, que foi governador do Sul durante os primeiros tempos da xxvi dinastia, foi sepultado num grande túmulo talhado na rocha calcária, um imenso complexo com umas quarenta divisões (o comprimento total é de 228 metros). Foram necessárias quatro campanhas para a desobstrução do local, entre 1984 e 1988, tendo sido removidos 7000 m³ de detritos.

Finalmente, a última colaboração para este bem recheado volume de *Les Dossiers d'Archéologie* pertenceu a Ismail el-Masry que, em «La nécropole d'El-Taref» (pp. 120-121), nos dá notícia dos trabalhos de escavação levados a bom termo na zona: descoberta de tú-

mulos pertencentes a pessoas de reduzidas posses, espólio modesto constituído por esteiras pequenas, altares de oferendas, abundante cerâmica (ânforas, taças, vasos antropomórficos, jarros, etc.), contendo alguns dos recipientes provisões cujo conteúdo já desfeito (mel ou azeite) vem indicado, em hierático, na pança.

Encontrou-se ainda uma sepultura colectiva «três courieuse», com muitos esqueletos simplesmente depositados no solo, sem oferendas funerárias, apresentando-se alguns dos corpos decapitados ou com os membros inferiores separados do corpo.

Todos os artigos do presente *Dossier* estão bem documentados com gravuras (fotografias dos locais referidos e de algumas peças encontradas, bem como esquemas e reconstituições), enquanto as pp. 54-55 mostram o mapa das três grandes regiões funerárias que constituem o tema do volume.

A p. 122 contém um pequeno léxico e uma tábua cronológica que vai de 3100 antes da nossa era (unificação do Egipto e começo da 1ª dinastia tinita) a 332 antes da nossa era (fim da segunda dominação persa com a conquista do Egipto por Alexandre), sendo a cronologia apresentada «la plus généralement admise». A p. 123 oferece aos leitores uma pequena bibliografia dividida em cinco partes (ouvrages généraux; la Grotte Sacré; la Vallée des Rois; la Vallée des Reïnés; autres nécropoles), enquanto na p. 125 um «English summary» permite aos leitores de língua inglesa ter uma ideia sucinta acerca da matéria tratada em cada um dos 22 artigos que recheiam este excelente volume da colecção *Les Dossiers d'Archéologie*, que tem entre outros, o alto mérito de colocar ao alcance de um grande número de leitores não especializados nestas temáticas (os especialistas aguardarão pela publicação mais detalhada destas notícias) um ro-teiro excepcional de algumas das zonas mais famosas do Egipto.

Luís Manuel de Araújo

J. CARREIRA DAS NEVES, V. COLLADO BERTOMEU, V. VILAR HUE • **SO** (edit.), *III Simpósio Bíblico Español*, Fundación Bíblica Española, Valencia / Publicações da UCP, Lisboa, 1991.

Este volume de 762 páginas contém as actas de um simposio realizado na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, nos dias 17 a 20 de Setembro de 1989 e encerrado em sessão pública na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.